

SEU LOURIVAL

Manoel Jaime Xavier Filho

Acadêmico Titular da APMED – Cadeira 26

Na pequena cidade do interior, o estabelecimento que abrigava a forja, de um só cômodo, localizava-se ao final da Rua do Sol, não muito distante do Açude das Almas, na realidade, um barreiro que recebia água apenas no período invernos e em torno do qual crescia um roçado de milho e feijão.

Mesmo com a janela aberta, o interior da oficina se mostrava sombrio, com fuligem recobrando o telhado e as paredes. Como decoração, um calendário da Pirelli, daqueles em que cada mês é ilustrado por uma jovem mulher nua, apenas usando calçados de salto alto. Na outra parede, uma reprodução da pintura de Velásquez, dedicada a Vulcano, Deus do fogo, presenteada por um dos seus frequentadores.

Duas lâmpadas acesas, de poucas velas, pouco acresciam para atenuar a obscuridade reinante. É que, na forja de Seu Lourival, este era o nome do dono, o braseiro e o ferro incandescente eram a verdadeira fonte irradiadora de luz. O fole confeccionado em couro e acionado manualmente avivava chamas e espalhava cinzas. Aos meus olhos de criança, existia algo de extasiante na cena proporcionada pela labuta de proprietário, sempre de macacão, martelando o ferro em brasa sobre a bigorna, moldando-o. Assim o fazia ao longo da semana, pela manhã, das sete às onze e, após o almoço, das treze às dezessete horas.

A fascinação maior provinha do fogo e fagulhas ativadas pelo fole. O fogo e seus mistérios... É só imaginar a estupefação experimentada por nossos ancestrais, em tempos imemoriais, quando pela primeira vez presenciaram o fogo surgir no meio a arvoredos, após a queda de um raio. Não sem razão, Empédocles, um pré-Socrático, incluiu o fogo entre os quatro elementos da cosmologia por ele imaginada.

Registre-se, ainda, a presença de mesas toscas, de madeira, sobre as quais se encontravam um torno mecânico, ferramentas, sucata de todo tipo e objetos diversos, deixados pela clientela para conserto.

Ali eram confeccionados ferrolhos, dobradiças, foices, ferraduras e outros utensílios numa época em que a comercialização da produção industrial em série estava apenas começando.

Tudo parecia estar correndo bem, quando a saúde de Seu Lourival começou a dar sinais de declínio. Veio o diagnóstico aos sessenta e seis anos, estava com hipertensão arterial, diabetes e sinais de insuficiência renal incipiente. Ao receber a notícia, conteve o impacto sofrido e fez apenas dois questionamentos: se iria ser preciso parar de trabalhar e ter de suspender os quatro cálices de cachaça que costumava tomar aos sábados e domingos. A resposta do médico pareceu-lhe evasiva, achou melhor não insistir.

Iniciou o uso dos medicamentos indicados e seguiu os novos hábitos. Conviver com a restrição de sal e abolir o consumo de açúcar deixaram-no indócil. Por conta própria, não cancelou a bebida, sentia-se bem ao tomá-la.

A evolução não lhe foi favorável, o apetite sumiu, os pés incharam, sentia o corpo sem forças, sem ânimo, a vida perdeu a graça, chegou a dizer. Achavam-no emagrecido, triste e pálido.

Deixou o tempo passar, antes de tomar uma decisão que muito lhe custou: fechar a oficina. Não encontrou comprador e teve que vender, no varejo, algumas ferramentas. Pelo ponto, pagava aluguel. Uma melancolia irrefreada tomou conta do velho ferreiro.

Um filho, que residia na região centro-oeste, convidou-o para morar com ele. Sem alternativas, teve que concordar. Antes de partir, porém, foi falar com o padre para lhe entregar uma lembrança, um Cristo, com cerca de trinta centímetros, preso à cruz, tudo em ferro e pacientemente confeccionado por ele, há anos.

Nesse Cristo, uma haste horizontal, num formato de cano, representava os braços estendidos, uma segunda haste vertical, de espessura maior, simbolizava o tórax, abdome e pernas, estas, separadas por um vinco bem visível, de cima para baixo. Os pés atravessados por cravos apoiavam-se em um pequeno suporte, na cruz. À altura dos pulmões, uma mola

circulando a haste nos remetia às costelas. Uma segunda mola bem menor particularizava os joelhos. A cabeça, um tanto oblonga, se mostrava ligeiramente fletida e nela, sulcos delicados definiam orelhas, nariz, lábios e olhos cerrados. De tão harmônico, é possível discernir um semblante de sofrimento e compaixão. Sobre a cabeça, uma arruela dentada exercia o papel de uma coroa de espinhos.

Seu Lourival não registrou na base do pulmão direito o orifício ocasionado pela lança do soldado romano, mas curiosamente reproduziu na linha mediana infraumbilical do abdome do Cristo, uma cicatriz idêntica à que possui em seu ventre, resultante de uma cirurgia de urgência por ele sofrida quando adolescente e que quase lhe roubou a vida.

Ao receber, o pároco manifestou muita satisfação e, na presença de Seu Lourival, tendo o sacristão como testemunha, resolveu benzer ali mesmo o inusitado objeto religioso. Os olhos lacrimosos do ferreiro traduziram sua comoção ostentosa.

Meses depois, o padre decidiu incluir o Cristo de ferro no acervo do museu paroquiano. Dona Ana Santa Rosa, a responsável pelo museu, observou uma frequência crescente de visitantes, alguns por simples curiosidade, outros ali compareciam para pedir ao Cristo da cicatriz cirúrgica, amparo para a resolução de seus problemas de saúde, em especial, quando havia necessidade de procedimentos operatórios. Não poucos vinham agradecer por graças alcançadas.

Passou a ser a principal atração do museu e ganhou um lugar de destaque. Das cidades vizinhas, caravanas de fiéis não mais deixaram de prestigiar a pequena escultura.

A peça despertou interesse também na academia, onde após análise feita por um crítico de arte, professor da universidade e residente na capital do estado, foi considerada de real valor artístico. Em outras palavras, e resumidamente, foi identificado na obra um processo criativo aliado a uma indiscutível imaginação fértil, fazendo brotar um Cristo particular, surgido do rearranjo original de peças metálicas anteriormente desconectadas.

Seu Lourival não viveu o suficiente para inteirar-se da efetiva proteção espiritual oferecida pelo seu Cristo excisado à população simples da cidade e região.